

Anseios de reforma

As tentativas de reforma da igreja tão presentes na era dos altos ideais se mostraram cada vez mais frustradas nos séc. XIV e XV,¹ com o avanço das práticas da simonia, da venda de indulgências e o afastamento cada vez maior do clero das Escrituras. O final da era dos sonhos frustrado é também a preparação para a era da Reforma Protestante, pois pouco a pouco começaram a se erguer vozes que clamavam por uma mudança no seio do cristianismo ocidental.

John Wycliffe (1320-1384) nasceu em Hipswell, Inglaterra, e viveu boa parte de sua vida ligado a então recém nascida Universidade de Oxford, na qual se tornou professor, famoso por sua inteligência privilegiada e sua erudição. Wycliffe também foi contemporâneo do período do Cativo Babilônico no qual o papa estava em Avignon e se encontrava sob domínio da coroa francesa. Em 1371 Wycliffe saiu da universidade para servir a coroa inglesa, que utilizou a inteligência de Wycliffe e sua erudição como artilharia pesada nos jogos políticos contra o clero.

O pensamento de Wycliffe se concentrou na chamada “Questão do Senhorio”: em que consiste o verdadeiro senhorio? Qual sua base e quais suas características? A resposta de Wycliffe é que todo senhorio vem de Deus, de forma que qualquer pessoa que tenha autoridade, a tem por que recebeu do próprio Deus a quem pertence todo senhorio. Logo, existem pessoas cujo senhorio não vem de Deus, pessoas que tomaram o poder por si mesmas e portanto seu senhorio não é verdadeiro. E qual o critério para discernir entre o verdadeiro e o falso senhorio? Wycliffe afirma que Jesus Cristo é o padrão de senhorio verdadeiro, pois veio para servir e não para ser servido. Logo, uma liderança ou senhorio só são legítimos se seu objetivo é servir e não ser servido. Wycliffe também afirmava ser errado desejar ter uma esfera de domínio maior do que aquela dada por Deus.

A princípio, o pensamento de Wycliffe foi acolhido pelos poderosos que viviam suas lutas com um papa que estava a serviço dos interesses da coroa francesa, todavia logo começaram a perceber que essas mesmas ideias denunciavam todo poder que explorava os pobres e os vulneráveis. Wycliffe começou com o passar dos anos a enfatizar que as Escrituras tinham autoridade superior ao clero e a tradição, por meio de Agostinho chegou a conclusão de que a verdadeira igreja são os predestinados e não a instituição eclesiástica e defendeu a tradução da Bíblia para a língua do povo (a Vulgata Latina de Jerônimo era considerada um texto sagrado e era proibida a tradução da Bíblia para as línguas contemporâneas).

Wycliffe viria a ser condenado por atacar a posição da ceia chamada transubstanciação, formulando um conceito muito próximo a consubstanciação de Lutero. Em 1380 uma assembleia em Oxford condenou seu conceito da ceia, de forma que Wycliffe retornou em 1381 para sua paróquia em Lutterworth, vindo a morrer em 1384 por embolia. Após sua morte, um movimento chamado “Lollardos” espalhou suas ideias, um movimento que a princípio era acadêmico e mais tarde se tornou popular com um aspecto revolucionário e intransigente. Os lollardos foram condenados, caçados e mortos e muitos deles vieram se unir ao movimento reformado no séc. XVI.

Outro grande homem considerado um pré-reformador foi John Huss (1369-1415). Huss nasceu na Boêmia, região da atual República Tcheca. Em 1346 Carlos IV, imperador alemã, herdou o trono da Boêmia e iniciou um movimento de reforma ao trazer o grande pregador Conrado de Waldhausen, cujo discípulo mais famoso foi John Huss. Huss veio de uma família camponesa e ingressou na Universidade de Praga ao dezessete anos e ali ficou boa parte de sua vida, vindo a tornar-se reitor em 1402. A Universidade possuía uma capela, a Capela de Belém, na qual Huss tornou um pregador atraindo muitas pessoas.

Quando as obras de Wycliffe chegaram a Praga, Huss defendeu o direito de que as mesmas fossem lidas e compreendidas e alguns que eram contrários a sua pessoa o acusaram de serem um seguidor de Wycliffe. Era o período em que havia três papas e neste contexto foi proibida a leitura das obras de Wycliffe e Huss foi proibido de pregar na Capela de Belém, pois esta não era uma igreja. Huss desobedeceu a ambas as ordens, formulando a posição de que um papa que se opõe ao bem estar da igreja é indigno e não deve ser obedecido. Huss passou a seguir a fórmula de que a Escritura tem autoridade final e quando convocado a explicar-se em Roma em 1410 negou-se a ir, sendo excomungado em 1411. Ainda assim Huss continuou pregando na Capela de Belém, sendo novamente excomungado em 1412.

John Huss acabou se retirando para o sul da Boêmia devido as controvérsias em torno de sua pessoa quando recebeu a notícia de que um Concílio se reuniria em Constança, de forma que ali poderia defender suas ideias com um salvo conduto do então Imperador Sigismundo. Huss viu essa oportunidade como o momento para pregar as verdades que a igreja precisava ouvir, mas chegando ao concílio foi logo acusado de heresia e feito prisioneiro. Foi exigido que se

¹ GONZALEZ, Justo. *História Ilustrada do Cristianismo: a era dos mártires até a era dos sonhos frustrados*. São Paulo: Vida Nova, 2011, p.445-486

retratasse de suas heresias mas Huss insistia que nunca havia professado as ideias de que lhe acusavam e assim se estabeleceu um impasse. Huss não desejava confessar-se herege por amor a seus seguidores, que também seria acusados de heresia e assim caminhou pacientemente para a fogueira em 6 de julho de 1415. A Boêmia recebeu com indignação a notícia da morte de seu pregador e então nasceu o movimento dos hussitas, que se tornou um movimento boêmio de reforma da igreja.

O Renascimento e o cenário da Reforma

Movimentos de insatisfação com o estado da igreja proliferavam, como os hussitas, lollardos, valdenses e vários outros. Havia uma mistura caudalosa no tecido da sociedade europeia: a ascensão da burguesia, a expansão do comércio, as guerras e doenças que de tempos em tempos assolavam a Europa, a corrupção cada vez maior do clero e o declínio da figura papal, debates cada vez mais cruentos contestando a autoridade papal e a idoneidade do clero.

Neste contexto turbulento, um movimento intelectual e artístico iniciou-se na Itália no séc. XIV, um movimento que viria a ser conhecido como Renascimento, Renascença ou Renascentismo. Este movimento tem esse nome pois sua pretensão era retornar a antiguidade clássica, revisitando assim as obras do período que vai desde o séc. VI a.C. até o séc. IV d.C., principalmente em uma referência a Grécia e Roma antigas. Houve um retorno maciço aos temas dessa antiguidade bem como ao estilo empregado pelo poeta Homero, por Cícero e outros. Foi o espírito renascentista que afirmou que o período que separava a antiguidade clássica e o próprio movimento de renascimento dessa antiguidade era a Idade Média, ou seja, o período que fica no meio. O que é possível perceber é que o alvo do movimento renascentista era reviver a antiguidade, reavivar sua beleza e retomar seu projeto desprezando o que era característico da Idade Média.

Esse período foi marcado pelo chamado “humanismo”, que como nos lembra González é um termo ambíguo mas que geralmente se refere a ênfase no que é humano por um lado – em contraste com a ênfase teocêntrica da Idade Média – e por outro lado refere-se a exaltação das belas artes, como a literatura, a pintura e a escultura.

O epicentro desse renascimento das letras clássicas foi a Itália, com destaque para a figura do poeta Petrarca, que após escrever poemas em italiano dedicou-se a escrever em latim, imitando o estilo de Cícero. Logo muitos começaram a imitá-lo, não apenas na literatura mas também na pintura e na escultura, buscando inspiração não nas obras de fundo cristão dos séculos recentes, mas nas obras da arte pagã grega e romana da antiguidade. Neste período nasceu a imprensa de tipos móveis, que impulsionou as trocas de obras literárias entre os humanistas e fortaleceu o movimento.

O renascimento enfatizou a beleza do corpo do ser humano, destacando suas capacidades e virtudes. O ser humano visto como essencialmente pecador e falho no período medieval passou a ser visto por outra ótica e uma boa ilustração é o encontro de Adão com o Criador na Capela Cistina: ambos aparecem em igual tamanho e com grande semelhança física. Um dos textos da época que melhor traduz esse novo sentimento com relação ao que é humano é a obra de Giovanni Pico della Mirandola (1463-1494) intitulada “Discurso sobre a Dignidade do Homem”, na qual exalta as capacidades humanas.

Os humanistas estavam realizando um movimento ousado de retorno as fontes, retorno as origens. Ao invés de ler as obras de Tomás de Aquino ou Averróis comentando Aristóteles, muitos insistiam na leitura de Aristóteles. Dessa forma, fora da Itália o impulso de retorno as fontes encontrou um desejo intenso de reforma da igreja, o que fez com que muitos passassem a nutrir uma restauração da igreja do período antigo, a igreja primitiva e apostólica marcada por sua simplicidade, ortodoxia e testemunho.

Dentre os humanistas que iniciaram esse movimento destaca-se o nome de Erasmo de Roterdam (1466-1536). Nascido em Roterdam, na Holanda, era filho ilegítimo de um sacerdote. Criado na classe burguesa, Erasmo conheceu as obras da literatura cristã antiga – obras dos pais da igreja – e começou a nutrir um sonho de reformar a igreja por meio do estudo das Escrituras e da leitura das obras dos primeiros cristãos. Chegou a dominar o grego antigo como poucos em sua geração e teve uma vida marcada por profunda piedade.

Seu ideal de reforma não era tanto teológica, mas eminentemente prática. A igreja precisava resgatar a prática simples e piedosa dos primeiros cristãos como relatado nas Escrituras e nos pais da igreja. Tendo em vista que nesse período haviam longos debates acadêmicos dos teólogos escolásticos cujas vidas eram profundamente dissolutas e imorais, a postura de Erasmo ganhava seguidores pois o mesmo insistia na reforma dos costumes, das práticas de piedade com decência e moderação.

No meio de sua militância explodiu a Reforma Protestante, que em princípio veio de uma profunda discussão de ordem teológica e não prática. Tanto protestantes quanto católicos tentaram conquistar a adesão de Erasmo, sem sucesso. Sem unir-se a nenhum dos dois lados, Erasmo ficou ilhado insistindo em uma reforma de vida prática enquanto a Europa era balançada por discussões teológicas e debates acalorados que marcaram o período dos reformadores. Chegou o fim de uma era e todas as condições estavam no lugar para que uma mudança profunda acontecesse na sociedade, na igreja e na história.